

UM PADRÃO OU VÁRIOS PADRÕES DE CARACTERÍSTICAS DE RESPOSTA AO RORSCHACH NUM GRUPO DE DEPENDENTES DE HEROÍNA?

DANILO R. SILVA
HELENA BACELAR-NICOLAU

RESUMO: A partir da análise de um conjunto de protocolos de Rorschach de um grupo de 51 indivíduos dependentes de heroína, os autores propõem-se mostrar que é possível identificar diferentes padrões de características de resposta. Mediante a utilização de um modelo de análise classificatória hierárquica, foi possível identificar quatro padrões diferenciados. Esta diferenciação autoriza, por um lado, o reconhecimento de certa heterogeneidade do grupo total de aditos da heroína e, por outro, salientar a importância da avaliação e diagnóstico correctos do indivíduo, condição *sine qua non* de uma ajuda terapêutica adequada.

Palavras-Chave: Protocolos de Rorschach; Caracterização da amostra; Análise de resultados de quatro subgrupos.

RÉSUMÉ: D'après l'analyse d'un ensemble de protocoles de Rorschach concernant un groupe de 51 sujets addictes à l'héroïne, les auteurs tiennent à montrer qu'il est possible d'identifier différents modèles de réponses caractéristiques. En utilisant un modèle d'analyse de classification hiérarchique on a pu identifier quatre modèles différenciés. Une telle différenciation permet, d'une part, reconnaître une certaine homogénéité du groupe de Toxicomanes et d'autre part, mettre en relief l'importance de l'évaluation du sujet, condition *sine qua non* de toute aide thérapeutique adéquate.

Mots-Clé: Protocoles de Rorschach; Caractérisation de l'échantillon; Analyse des résultats.

ABSTRACT: From the analysis of a setoff 51 heroin addicts Rorschach records, the authors intend to show that it is possible to identify different patterns of response characteristics. Using a model of hierarchic cluster analysis, it was possible to differentiate four patterns. Such a differentiation permits, on the one hand, to recognize some level of heterogeneity in the whole group of heroin addicts and, on the other hand, to point out to the decisive importance of subject's correct assessment and diagnosis, a *sine qua non* condition for an adequate therapeutic aid.

Key Words: Rorschach's protocol; Samples Characterization; Results discussion.

1. Introdução

Esta é a terceira versão do que começou por ser uma comunicação apresentada, no início da última década, num Congresso de Psiquiatria que se realizou no Estoril, a qual consistia tão só da apresentação das características de resposta ao Rorschach de um grupo de 31 consumidores de heroína. Tal apresentação teve o mérito de gerar um sentimento de insatisfação com os resultados expressos, reforçado pela audição e leitura de comunicações semelhantes em outros encontros internacionais. Com efeito, nesses anos, os estudos com o Rorschach, que se propunham apresentar características grupais, utilizavam quase sempre a metodologia de apresentar, em termos de estatística descritiva, os resultados obtidos em todas as variáveis, sem mais. Um tal modo de apresentação dificilmente permitia destacar o que caracterizava o grupo, pois não o diferenciava de outro ou outros.

Este estado de coisas veio, com o tempo, a suscitar alguma reflexão, que acabou por suscitar a seguinte questão: até que ponto será adequado falar de características de resposta ao Rorschach de um grupo de consumidores de heroína? Haverá homogeneidade de resposta ao Rorschach num tal grupo? A hipótese de heterogeneidade de resposta apresentava-se-nos tão plausível quão diversa era a proveniência, os níveis culturais e económicos e, por que não também?, as personalidades das pessoas que em tal grupo poderiam encontrar-se. A feliz circunstância de um de nós dispor da possibilidade de consulta de especialista e de utilização dos meios necessários para alcançar o objectivo pretendido permitiu que se encetasse a análise dos resultados dos protocolos do Rorschach, segundo uma metodologia estatística que permitia encontrar uma resposta objectiva para aquela pergunta. Não será demais realçar que este último aspecto constitui um momento crucial do estudo que ora apresentamos.

A nova análise deu lugar a duas comunicações: uma, com 32 dependentes de heroína, foi apresentada em Oslo, no 3º Congresso da *European Rorschach Association for the Comprehensive System* (1994); outra, com mais 19 sujeitos, foi apresentada em Boston, no XVth *International Congress of Rorschach and Other Projective Techniques* (1996). A versão de Oslo foi também apresentada em Braga, na *IV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e*

Contextos e encontra-se publicada (ver Silva, Almeida, Bacelar-Nicolau, 1996). Foram, então, analisados 32 protocolos de Rorschach, tendo sido possível identificar três subgrupos de sujeitos com características diferenciadoras. A versão de Boston, que utilizou a mesma metodologia das anteriores, contou com 51 sujeitos, e permitiu a constituição de quatro grupos suficientemente diferenciados quanto a características dominantes.

Tendo um de nós sido convidado a participar numa acção de formação, no Instituto da Droga e da Toxicodependência, destinada a técnicos que iriam trabalhar com toxicodependentes, surgiu a terceira oportunidade de retomar o estudo feito e tentar apresentá-lo não já a um público especialista, isto é, conhecedor e entendido na linguagem do Rorschach e da avaliação psicológica, mas a um público predominantemente desentendido de uma e outra. Surgiu também a oportunidade de mostrar, tão claramente quanto possível, como a apresentação das características de resposta ao Rorschach deste grupo, na sua totalidade, leva a resultados muito diferentes dos apresentáveis a partir do reconhecimento de alguma heterogeneidade das personalidades que o constituem. Considera-se que este passo representa um avanço contra a tendência natural para submeter as diferenças individuais à designação comum do grupo. É claro que um tal passo representa apenas uma maior aproximação do indivíduo que, enquanto tal, deve ser tratado segundo a sua individualidade própria. Esta é a perspectiva clínica.

Foi a receptividade que a comunicação encontrou entre os presentes que nos levou a preparar o texto para publicação. O objectivo central mantém-se: o de mostrar que a toxicodependência, neste caso, da heroína não é associável a determinada organização ou estrutura da personalidade e que o Método dos Borrões de Tinta de Rorschach, pela multiplicidade de registos daquela organização que permite atingir, constitui um instrumento electivo para o revelar e mostrar de maneira objectiva.

O presente estudo, na sua vertente crucial da metodologia estatística utilizada, foi realizado no L.E.A.D., Laboratório de Estatística e Análise de Dados da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

2. A Amostra

A amostra é constituída por 51 indivíduos aditos da heroína, todos em tratamento, doze dos quais seguindo voluntariamente um programa de reabilitação em regime de estadia prolongada em Comunidade Terapêutica. Cinco dos indivíduos são do sexo feminino e os restantes do masculino. As idades variam entre os 17 e os 36 anos, com apenas cinco sujeitos acima dos 30 anos. No que se refere ao seu estado civil, quase todos são solteiros, um viúvo e alguns, poucos, casados. A maioria tem apenas estudos primários e empregos temporários. Os anos de consumo de droga variam entre os 2 e os 17 anos, com uma média de 5 anos. As datas de exame estendem-se entre 1992 e 1996.

3. O Método

Três quartos dos protocolos do Rorschach foram recolhidos, sob a supervisão do primeiro autor, pelo Dr. Armando Almeida, psicólogo do Centro de Assistência à Toxicoddependência do Restelo, no âmbito de um projecto de investigação, que compreendia a aplicação de uma bateria de testes mais vasta. Um quarto foi recolhido pelo primeiro autor, na actualmente designada Comunidade Terapêutica do CAT do Restelo, que aplicou apenas o Rorschach após uma entrevista de cerca de 30 minutos. Esta destinava-se a colher alguns dados pessoais essenciais, como nome, idade, estado civil, actividade profissional e nível de escolaridade e visava, a um tempo, alcançar um relacionamento adequado, prévio à aplicação do Método. Todos os protocolos foram separadamente codificados pelos dois psicólogos, de acordo com o Sistema Integrativo do Rorschach-SIR de Exner. Os pontos de discordância foram objecto de discussão por forma a encontrar-se um acordo. Os *Sumários Estruturais* obtiveram-se mediante o RIAP 2 (Exner, Cohen and McGuire, 1990). Dado o objectivo do estudo, não se considerou inconveniente o facto de o Rorschach ter sido aplicado em contextos distintos. De resto, num como noutro caso, os examinadores que recolheram os protocolos do Rorschach foram distintos dos psicólogos que contactaram ou contactavam com os sujeitos na aplicação de outras provas ou no contexto da actividade comunitária.

O tratamento estatístico dos dados teve duas fases. Na

primeira, fez-se a análise estatística univariada, baseada nas estatísticas descritivas elementares de tendência central e de dispersão de todas as variáveis do Rorschach dos 51 protocolos, nomeadamente nas médias, medianas e desvios padrão. A segunda consistiu na análise multivariada baseada nas 19 variáveis do Rorschach que seleccionámos, tendo em conta os objectivos em vista. Tais variáveis são as que a seguir se indicam: *S*, *Zf*, *DQ+*, *DQv*, *M*, *M-*, *FM+m*, *C'*, *V*, *Soma dos sombreados (Sum Shading)*, *r*, *F*, *H*, *(H)+(Hd)+(A)+(Ad)*, *An+Xy*, *Bl*, *Blends*, *Mor*, *Sum6SpSc-level 2*. Em anexo, apresenta-se a caracterização de cada uma destas variáveis, bem como das que serão introduzidas como auxiliares da interpretação dos protocolos dos grupos de indivíduos fornecidos pela análise. As variáveis foram expressas exclusivamente em resultados brutos, isto é, em frequências. Ligam-se predominantemente a aspectos do processamento da informação, da ideação, do afecto e da percepção de si próprio. A parte prática desta segunda fase do tratamento estatístico foi executada pela então estudante de Psicologia, Suzana Padre, sob a supervisão da co-autora do presente trabalho. Consistiu na aplicação de uma família paramétrica de modelos probabilísticos de análise classificatória hierárquica, baseados nos conceitos de coeficiente de afinidade (Bacelar-Nicolau, Nicolau, 1990; Bacelar-Nicolau, 2000) entre pares de elementos (indivíduos ou variáveis) e de Agregação pela Validade da Ligação AVL (Bacelar-Nicolau, 1988) entre pares de classes (*clusters*), bem como no estudo comparativo de resultados e escolha dos modelos que melhor se ajustaram aos dados. Neste estudo, apresenta-se resumidamente a análise e a interpretação do "modelo AVLB" associado à afinidade básica e ao Algoritmo da Validade da Ligação de Bacelar. Note-se que os resultados agora obtidos estão de acordo e complementam os anteriormente encontrados pela Análise Factorial das Correspondências. Aplicou-se o método quer à classificação dos indivíduos, quer à classificação (tipologia) das variáveis. Foi utilizado o software LEASP do L. E. A. D. da F. P. C. E. -U. L.

4. Resultados

Tendo em vista os objectivos deste estudo, designadamente verificar a formação de subgrupos dentro da amostra global de dependentes de heroína examinados, com base nas suas

características de resposta ao Rorschach, decidiu-se desenvolver a apresentação dos resultados do seguinte modo:

1. Indicação das características mais salientes do Rorschach tal como se apresentam na amostra global;
2. Interpretação dos resultados da análise classificatória hierárquica, com relevo para a partição em quatro subgrupos/tipos de indivíduos. Análise das características que marcam a sua diferenciação.

4.1. Caracterização do Rorschach da amostra total

Na apresentação dos traços salientes dos protocolos do Rorschach, considerado na totalidade da amostra ou, mais adiante, por grupo diferenciado, seguir-se-á a seguinte sequência de análise das classes de variáveis: processamento da informação, mediação, ideação, controlo e tolerância ao stress, características do afecto, imagem de si próprio e percepção interpessoal.

Processamento da Informação — Este aspecto refere-se à adequação ou inadequação do modo de ler os estímulos tal como se apresentam, como são codificados pelo sujeito. Naturalmente que esta operação depende de hábitos, tendências ou estilos presentes no indivíduo. Assim, se o sujeito tem a tendência para não se deter demoradamente na análise do que lhe é apresentado, se tem a tendência contrária para tudo observar em pormenor, se é receoso ou desconfiado, etc., a codificação trará, o mais das vezes, a marca desse estilo. Na presente amostra, cerca de 50% dos indivíduos tem um estilo económico, não atento aos pormenores, nem dispendendo qualquer esforço intelectual ou afectivo neste tipo de operações, pelo que é plausível admitir que, com frequência, o processamento da informação terá essa marca.

Na globalidade, a actividade organizativa, isto é, a iniciativa para processar os estímulos num grau de complexidade adequado, é conseguida e acha-se claramente dentro da média, o que constitui aspecto positivo, tanto quanto são numerosos os sujeitos com estilo de mediação económico. Acresce que o esforço dispendido na organização do estímulo e expresso por um desenvolvimento cognitivo adequado alcança um nível de sucesso em conformidade. Avançando nesta análise, verificamos que predomina a tendência para abordar os estímulos na sua globalidade, o

que implica maior actividade organizativa, já que, na maioria dos estímulos, é mais fácil e económico abordá-los segundo partes. Este dado permite considerar que existe um esforço de processamento maior do que o esperado. Por outro lado, há também indicadores de que um tal esforço não se faz acompanhar, na generalidade dos casos, dos recursos suficientes para alcançar os objectivos em vista. Dito de outro modo, há motivação, há esforço, mas os meios que permitem alcançar os objectivos ficam aquém do necessário. A consequência pode ser a experiência de insucessos repetidos que se farão acompanhar de sentimentos de frustração. No que se refere ao desenvolvimento cognitivo, regista-se a presença de indícios de formas de processamento mais frequentes em idades mais jovens. Com alguma frequência, se nota que a evolução cognitiva denuncia algum atraso qualitativo.

Como nota mais saliente desta análise, ressalta o facto de que se observa um esforço claro de processamento, maior do que o esperado, que esse esforço se apresenta como orientado para objectivos que ultrapassam os meios disponíveis para os alcançar. Esta circunstância pode encontrar-se na origem de insucessos na realização de projectos e ocasionar sentimentos de frustração.

Mediação - Diz respeito à descodificação ou tradução do que foi lido. Revela até que ponto o indivíduo percepção a realidade em conformidade com a maioria das pessoas. Tal como no caso do processamento da informação, também aqui haverá que ter em consideração se estamos diante de indivíduos dotados de estilo obsessivo, em que o perfeccionismo e a minúcia são destacados ou, ao contrário, tendem a não se deter nos estímulos e a fixar-se nos aspectos mais superficiais e elementares do real.

Existem formas de ver as coisas que são partilhadas por quase toda a gente e tais formas revelam adesão ao que é comum, frequente, e também, em grande medida, atestam um exame ajustado da realidade. Neste grupo, este aspecto aparenta encontrar-se salvaguardado, pois corresponde ao expresso pelos dados normativos da população*. Um elemento negativo neste processo de mediação está presente na fraca qualidade formal dos objectos vistos ou evocados. Embora se detecte uma percentagem apreciável de respostas que denotam ajustamento perceptivo, não

deixa de ser certo que as respostas reveladoras de desajustamento ou de distorção perceptiva são mais frequentes do que o indicado pelos dados normativos. É ainda plausível pensar que algumas formas de revolta e oposicionismo dêem lugar a modos distorcidos de encarar a realidade. As formas idiossincráticas de percepção não são frequentes, o que pode constituir também um sinal de reduzida implicação pessoal.

Em resumo, pode dizer-se que o processo mediador, independentemente de revelar conformidade perceptiva relativamente ao que é comum encontrar-se na população, apresenta, com alguma insistência, sinais de mediação inadequada que pode estar na origem de algum exame da realidade deficiente.

Ideação – A actividade ideativa diz respeito ao funcionamento mental de formação de conceitos, actividade intelectual em geral. A solução de problemas constitui por excelência uma destas formas de actividade. Existem três formas dominantes de se confrontar com os problemas e exigências do dia-a-dia, designadas por outros tantos estilos: *o estilo introversivo* de confrontação, caracterizado pela preferência pela estratégia de recurso ao pensamento, que exige capacidade de dilação dos impulsos e afectos, ponderação, reflexão prévia à tomada de decisão, acção após reflexão; *o estilo extratensivo* que se caracteriza por juntar os sentimentos ou afectos ao pensamento, gerando-se certa complexidade que acarreta o recurso frequente ao ensaio e erro, com aprendizagem e recuperação rápida após o erro, em que a acção tem um lugar proeminente; *o estilo ambigual*, que possui um certo equilíbrio dos dois anteriores, aspecto que não resulta profíquo porquanto, perante um problema ou uma tomada de decisão, o indivíduo tende a hesitar entre funcionar de uma ou de outra maneira. Esta forma inconsistente de actuação ocasiona erros frequentes e grande perda de tempo, que têm como efeito uma confrontação pouco eficiente.

No grupo que nos ocupa, este último é o estilo mais frequente, ocorrendo em 58% dos sujeitos. Este aspecto, no entanto, não se apresenta em si mesmo revelador ou característico, porquanto corresponde ao perfil da população portuguesa adulta, onde 50% das pessoas revelam aquele estilo de confrontação.

Existem indicadores de flexibilidade no recurso a atitudes e valores, naquelas situações em que, perante um problema, é possível optar por uma entre diversas soluções.

Os indicadores de actividade ideativa inconsciente não se afastam da normativa, pelo que nos aparece sem significado particular.

Um aspecto que merece destaque e está presente em um número elevado de indivíduos (40% dos indivíduos) é o do recurso à fuga para a fantasia como tática defensiva de evitar a crueza da realidade, do mundo que nos rodeia. O uso frequente deste recurso tem como consequência afastar progressivamente o sujeito do mundo real o que implica também ficar dependente dos outros, que implicitamente encontrarão a solução para a situação desagradável, penosa ou difícil em que o sujeito se encontra. Temos também nesta tática a ideação ao serviço da negação da realidade ou, em termos psicanalíticos, denegação.

Outra característica defensiva, que encontra certa expressão neste grupo, é a da intelectualização. Constitui uma forma de neutralizar a emoção intensa. É um outro modo de negação que exige uma forma especial de pensamento para subjugar a realidade. O uso excessivo da intelectualização pode tornar o pensamento vulnerável a uma lógica com falhas ou à distorção de sinais interiores, ou pode conduzir à formação de conceitos erróneos.

Embora não frequentes, registam-se alguns indicadores de perturbação do pensamento. Este aspecto é reforçado pela ocorrência de certas peculiaridades de pensamento que podem ser resultantes de preocupações que interferem na mediação e clareza do pensamento.

Em síntese, no que se refere à análise da ideação, destacam-se os seguintes aspectos:

- Presença de um estilo dominante de confrontação que se caracteriza pela inconsistência;
- Frequência das táticas defensivas de fuga para a fantasia e de intelectualização;
- Presença de alguns indicadores de perturbação do pensamento.

Controlo e Tolerância ao Stresse – O que está em jogo, neste sector, é avaliar em que medida se verifica, neste grupo de sujeitos, a presença de recursos suficientes a que possam deitar mão, sempre que se encontram em situações de

confrontação, isto é, sempre que estejam diante de um problema ou situação problemática que careça de solução, ou sempre que tenham de tomar decisão sobre alguma coisa. O controlo e a tolerância ao stresse andam de braço dado, digamos assim, pelo que, se falece o controlo, emerge o stresse. Quando tomado pelo stresse, como se sabe, o funcionamento do sujeito, a actividade de confrontação, concretamente, ressentem-se, e o sujeito passa a ser menos ou pouco eficiente, deixa de responder ajustadamente, ou toma decisões estranhas, precisamente porque não dispõe dos recursos requeridos.

Considerados em grupo, estes sujeitos dispõem de recursos suficientes para lidar com as dificuldades, enfrentar as exigências do dia-a-dia e estão ao nível do que se verifica na população adulta portuguesa sem queixa. O seu estilo de confrontação dominante corresponde ao predominante naquela população antes referido.

Como já acima se referiu, observa-se, em cerca de metade do grupo, um estilo de percepção da realidade pouco esforçado, que se traduz numa visão do real por assim dizer empobrecida, reduzida aos seus traços essenciais, óbvios, aspecto este que, naturalmente, impede uma actividade ideativa ou mesmo emocional suficientemente rica, elaborada, criativa. Traduz, em grande medida, uma maneira de não se implicar com a riqueza ou a complexidade das situações, de se defender contra eventuais surpresas, atitude que, muitas vezes, corresponde a perda para o sujeito, pois, como se sabe, com frequência as coisas não são simples, são complexas, difíceis, decepcionantes, conflituosas, ansiogéneas. Temos, pois, este estilo económico, evitante, como estilo frequente neste grupo. Ora ele não favorece nem o controlo nem a tolerância ao stresse, tantas vezes postos à prova, nos nossos dias.

Não existem indícios de frequente stresse situacional e, quando sobrevém, não se afigura intenso. A presença de actividade ideativa ligada ou decorrente de representações inconscientes, actividade incontrolável pelo sujeito não se apresenta de forma acusada, equivale à que a maioria das pessoas desenvolve, embora, num ou noutro caso, possa dar lugar a formas de confrontação menos eficientes ou à emergência de algum stresse, sobretudo situacional. O

mesmo pode dizer-se da que se pode designar de afectividade afectividade ligada a representações inconscientes, traduzida pela ansiedade, pelos sentimentos de perda, a dor devida à retenção dos afectos, etc., a qual também não se apresenta mais intensa do que a que encontramos na generalidade das pessoas. Talvez seja de destacar o facto de que, em 41% dos indivíduos, encontramos um sentimento depressivo de desvalorização pessoal. A verdade, porém, é que este mesmo dado ocorre em cerca de 35% da população dita sem queixa. Diga-se de passagem que outros estudos, estudos de validade se impõem para apurar o autêntico significado destes valores.

Características afectivas – Dois aspectos salientes neste grupo são **(a)** a presença frequente de indivíduos (41%) que sofreram as alterações afectivas que costumam estar presentes em doentes depressivos, e **(b)** um número elevado de sujeitos (48%) com dificuldades de controlo em situações que requerem relacionamento social. Várias vezes estes dois aspectos são positivos, no mesmo protocolo, e, consoante os casos, podemos estar diante de um forte componente emocional num sujeito com dificuldades no campo das relações sociais, ou estas dificuldades serem ocasião de sentimentos depressivos (deve observar-se, neste ponto, que os índices a que se referem estes dados, Índice de Depressão e Índice de Défice de Confrontação ainda não se encontram estudados em Portugal, adoptando-se aqui os valores americanos de positividade).

A expressão dos afectos apresenta-se restrita, não tem expressão bastante, o que se compreende, se nos lembrarmos de que, como já se apontou, metade da amostra apresenta um estilo económico de processamento.

Regista-se em 40% dos indivíduos a presença de uma actividade introspectiva que se centra nos aspectos negativos de si próprio, gerando sofrimento ligado a sentimentos de culpa e auto-censura.

A reactividade face a situações tende a indicar tolerância aos ambientes marcados pela presença manifesta de estimulação emocional. Não se detectam indícios de redução da reactividade nessas situações. Verifica-se, isso sim, certa tendência para a intelectualização como táctica defensiva.

Com frequência se observa, neste grupo de indivíduos, a tendência para uma reduzida modulação dos afectos, deixando-os expressar-se com espontaneidade e intensidade. Alguns sujeitos deixam transparecer labilidade afectiva. De maneira geral, não se pode dizer que se esteja diante de elevada complexidade psicológica, muito embora alguma forma de complexidade esteja presente em 78% dos indivíduos. Em alguns casos essa complexidade revela intensidade de sofrimento interior.

Em resumo, pode salientar-se que estes indivíduos manifestam uma expressão moderada dos afectos, muito embora, em percentagem significativa, passem por vivências de tipo depressivo, sejam dados a virar-se para dentro de si e a centrar-se nos seus aspectos negativos, com sentimentos de culpa, e tenham dificuldades de confrontação em situações de relacionamento social. Finalmente, deve assinalar-se o facto de que, quando a expressão dos afectos tem lugar, a sua modulação é muitas vezes reduzida.

Percepção de Si Próprio – Este aspecto diz respeito à imagem que o sujeito formou de si próprio, à medida do seu interesse por si próprio e da sua auto-estima.

Predominantemente, o interesse por si próprio destes indivíduos afigura-se baixo, tendo em conta os resultados normativos da população adulta portuguesa. Não será de estranhar que assim aconteça. Verifica-se, em metade da amostra, a tendência para uma actividade de introspecção, de pensamento e reflexão sobre si próprio, que pode resultar ou estar relacionada com a sua história pessoal e o estado em que se encontram (em consulta ou internados em tratamento). Como já se observou, este movimento introspectivo incide muitas vezes nos aspectos negativos de si próprio, gerando sofrimento. Outros aspectos, como sejam uma importante preocupação pelo corpo ou a presença de pessimismo na imagem de si próprio, não têm significado neste grupo.

Por vezes, o interesse por si próprio pode ser bastante elevado, como ocorre nos narcisistas. Neste grupo, cerca de um quarto dos sujeitos apresenta traços de narcisismo. Este aspecto, porém, também carece de estudo entre nós, já que a frequência de tais traços é bastante maior na população portuguesa do que na americana.

Existe indicação de que a imagem de si tem características pouco realistas, podendo ter raízes mais irreais do que reais.

Percepção interpessoal – Vimos atrás que uma percentagem elevada (48%) destes sujeitos tinha dificuldades de confrontação em situações sociais. São pessoas com falta de competência no modo de lidar com os outros, mantêm com estes relações superficiais e limitadas, são pessoas quase sempre socialmente imaturas ou ineptas. Sentem-se mal na interacção com o ambiente, particularmente no relacionamento interpessoal, são vistas pelos outros como distantes, néscias ou desamparadas ao lidar com as outras pessoas, e tendem a ser menos sensíveis às necessidades e interesses dos demais.

Em alguns poucos casos, regista-se carência de contacto mais forte do que é habitual encontrar-se. No que se refere ao interesse pelos outros, pode pensar-se que pode ser real para a maioria destes indivíduos, mas que a sua compreensão das outras pessoas não é correcta. Possivelmente dão uma interpretação inadequada dos seus gestos sociais. Muitas vezes, podem depositar nas outras pessoas mais esperanças em seu benefício do que seria legítimo; a sua falta de compreensão leva-os a cometer erros sociais que determinam o afastamento daquelas.

4.2. Resultados da Análise Classificatória Hierárquica Traços Salientes dos Protocolos de Cada Subgrupo

Estudamos aqui os resultados relativos à classificação dos sujeitos. A Figura 1 representa a árvore associada ao modelo AVLB atrás referido, baseado no coeficiente de afinidade e no Algoritmo da Validade da Ligação de Bacelar. Da análise das estatísticas de ajuda à interpretação produzidas pelo software LEASP, verificou-se que os níveis mais significativos da árvore são os 40º, 42º e 45º, a que se juntou o 41º, que apresenta também valores elevados daquelas estatísticas.

Apresentam-se a seguir os quatro subgrupos de indivíduos que se constituem àqueles níveis da árvore. Em relação a cada um, mostraremos os conteúdos que explicam o seu tipo de agregação interna, indicando os respectivos níveis e as variáveis mais proeminentes que permitem a caracterização do subgrupo.

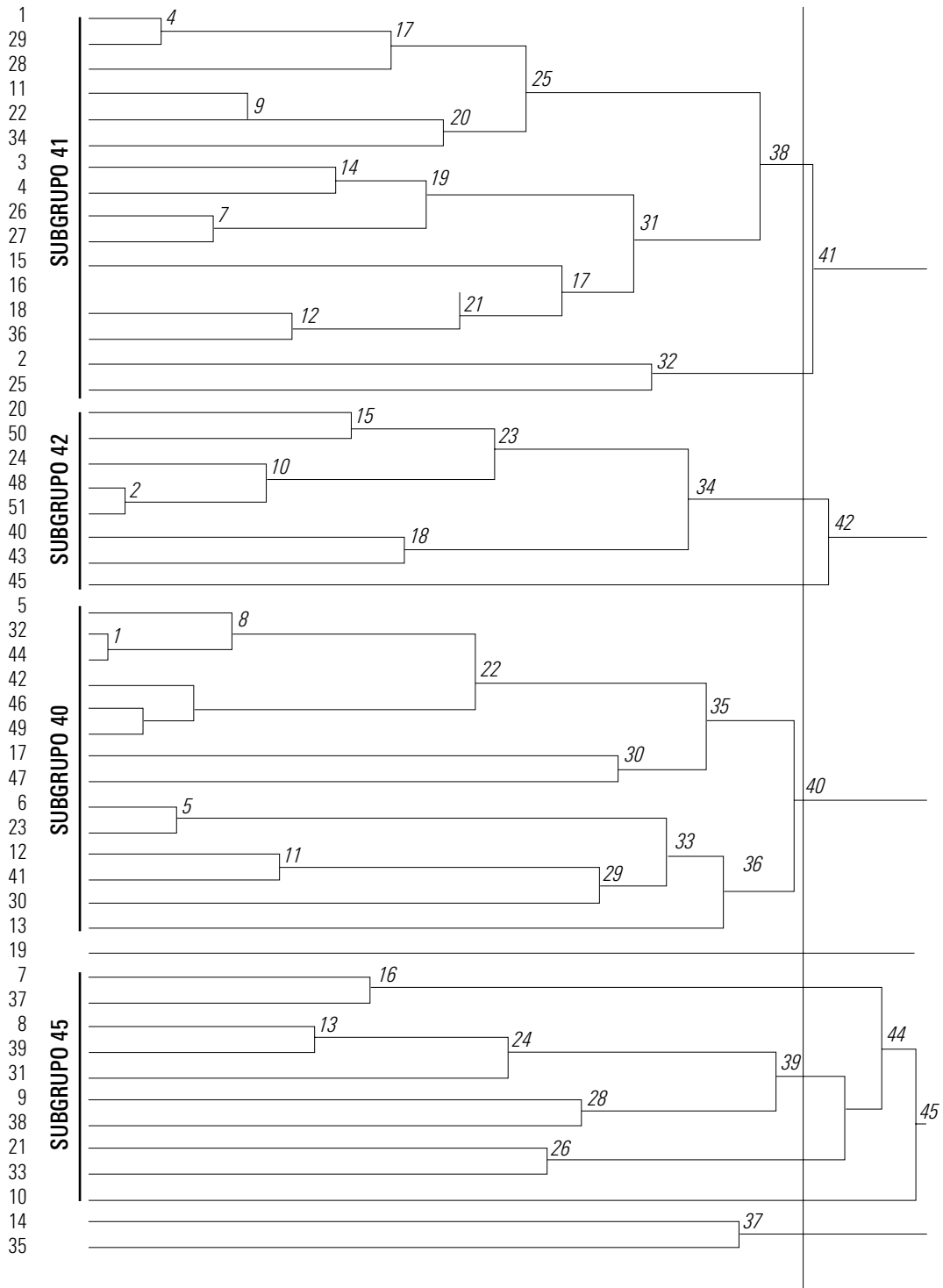


Figura 1

Subgrupo - Nível 40°

Este grupo reúne 14 indivíduos e resulta da agregação de dois subgrupos, os dos níveis 35° e 36°, de 8 e 6 indivíduos respectivamente. Estes dois grupos apresentam valores mutuamente ou tendencialmente exclusivos de algumas variáveis, como se pode observar no Quadro 1. Os indivíduos agrupados no nível 35° apresentam um maior peso de elementos indicadores de afecto negativo, confirmado de resto pela presença de 6 sujeitos com o Índice de Depressão (DEPI) positivo. O grupo que se constitui ao nível 36° tem apenas três sujeitos com DEPI positivo, mas todos os 6 sujeitos apresentam uma imagem de si próprios onde estão presentes aspectos menos estimáveis.

Quadro 1 – Variáveis em que os subgrupos referentes aos níveis 35° e 36° são divergentes.

Variáveis	Nível 35 (n=8)	Nível 36 (n=6)
<i>An+Xy</i>	Todos valores positivos	Todos valores negativos
<i>MOR</i>	Todos valores negativos	Todos valores positivos
<i>V</i>	Todos valores positivos	1 valor positivo
<i>Soma dos Sombreados</i>	Todos valores > Md	3 valores > Md

Os indivíduos agrupados nestes dois níveis vão juntar-se no nível 40°. Para além dos aspectos referidos, surgem, agora, como mostra o Quadro 2, as variáveis que os aproximam e que atestam uma actividade organizativa relativamente complexa, indícios de oposição e/ou negativismo, e também um aspecto limitativo, expresso pelo valor positivo obtido no Índice de Déficit de Confrontação (CDI). Com efeito 10 dos 14 sujeitos deste subgrupo apresentam o CDI positivo.

Quadro 2 – Variáveis determinantes da agregação dos indivíduos no nível 40° e sua apreciação em termos do subgrupo

Variáveis	Nível 40 (n=14)
<i>Zf</i>	11 valores ≥ Md
<i>DQ+</i>	9 valores ≥ Md
<i>S</i>	10 ≥ Md
<i>CDI</i>	10 positivos

Para se dispor de uma visão mais nítida das características dos indivíduos agrupados neste nível e poder confrontá-la com a caracterização global anterior, vai proceder-se à análise dos protocolos completos destes 14 indivíduos por classes de variáveis, a partir tão só dos respectivos sumários estruturais, destacando os aspectos mais salientes de cada uma delas.

Processamento da Informação – A produção é frequentemente elevada, relativamente à mediana do grupo. Regista-se uma maioria de protocolos onde a implicação e cooperação estão presentes. Este aspecto concretiza-se, designadamente, mediante os indicadores de actividade organizativa, isto é, de um nível de elaboração com alguma complexidade. O esforço despendido encontra frequentemente resultados correspondentes. Em 5 casos, verifica-se que os meios disponíveis não estão à altura dos objectivos, podendo ocasionar sentimentos de fracasso ou frustração.

Mediação – No que respeita ao exame da realidade e ao aspecto da convencionalidade perceptiva, são mais elevados e consistentes no subgrupo que apresenta acentuado afecto negativo do que no subgrupo a este agregado. O traço personalizado desse exame da realidade também se apresenta ligeiramente mais saliente no primeiro subgrupo do que no segundo.

Ideação – A actividade ideativa, de pensamento e formação de conceitos, situa-se geralmente dentro do esperado, quer em relação ao grupo total, quer mesmo em referência aos dados normativos. A qualidade perceptiva é também geralmente ajustada. Conquanto ocorram, com alguma frequência, erros de pensamento, estes são, na sua maioria, ligeiros pelo que não constituem indicadores manifestos de perturbação do pensamento. Em geral, a actividade ideativa desenvolvida nestes protocolos afigura-se ter, predominantemente, valor de recurso.

Controlo e tolerância ao stresse – A análise das variáveis referentes a este aspecto sugere que, o mais das vezes, os indivíduos dispõem dos recursos disponíveis a que recorrer para lidar com as exigências do dia-a-dia e tomar decisões em conformidade. Observa-se, no subgrupo com afecto

negativo, maior frequência de sujeitos em estado de sobrecarga. Esta circunstância determina que sejam ultrapassados pelas exigências com que frequentemente deparam, do que decorre a perda do controlo, o aumento do stress e o consequente comportamento ineficiente. Um dos agentes importantes desta sobrecarga é a afectividade suscitada por exigências de estímulos a qual gera sentimentos de mal-estar, desconforto.

Características do afecto – A expressão dos afectos acha-se regularmente representada na maioria dos sujeitos de ambos os subgrupos. No segundo subgrupo, reconhece-se uma tendência para a menor modulação dos afectos. A reactividade emocional tende a ser moderada neste mesmo subgrupo, o que pode traduzir uma atitude de prudência da parte daqueles que são fracos moduladores. Constitui uma forma de se precaver contra excessos afectivo-emocionais e suas consequências. A complexidade psicológica tende a ultrapassar a esperada e mais usual. São frequentes os indicadores de alguma oposição ou hostilidade. A ocorrência de variáveis ligadas a vivências depressivas são bastante frequentes, sobretudo no subgrupo onde sobressaem os indicadores de afecto negativo. A constrição dos afectos tem igual expressão moderada nos dois subgrupos.

Seis dos 8 indivíduos do primeiro subgrupo mais 3 dos seis que formam o segundo apresentam as características próprias dos indivíduos com diagnóstico depressivo. Para se avaliar da importância deste componente, entre os indivíduos classificados no presente nível, vale dizer que aqui se contam 9 dos 21 indivíduos que apresentam este dado no grupo total.

Imagem de Si Próprio – A imagem de si próprio tende a apresentar-se com alguma frequência pouco fortalecida, com indícios de egocentrismo e auto-estima mais baixos do que o esperado. A presença de narcisismo tende a ser mais frequente no segundo subgrupo do que no primeiro, mas é naquele que a presença de aspectos negativos na imagem de si são uma constante. Por sua vez a preocupação com o corpo, que está ausente no segundo subgrupo, é uma constante no primeiro. A introspecção centrada nos aspectos negativos de si próprio está presente em todos os indivíduos do primeiro subgrupo e ocorre em apenas um do segundo.

Parece que todos os indivíduos constituintes deste subgrupo experimentam algumas dificuldades com respeito à imagem de si próprio, mas é importante notar que elas se manifestam de modos diferentes.

Percepção Interpessoal – A percepção interpessoal parece também constituir núcleo de dificuldades. Um dos aspectos mais salientes é o da presença de 10 indivíduos que revelam dificuldades de confrontação em situações sociais. A literatura refere esta como uma característica frequente em toxicodependentes (Exner, 1995, p.364). Na amostra total que estamos a analisar, 24 ou 48% dos indivíduos apresentam-na. Quer a característica cooperativa quer a agressiva têm uma presença reduzida nestes indivíduos. De igual modo, o interesse pelos outros afigura-se pouco expressivo.

Em resumo, neste nível juntam-se dois subgrupos bem caracterizados por certos aspectos que os diferenciam e por outros que os assemelham. Entre estes, contam-se aspectos do processamento da informação, que traduzem uma actividade organizativa com alguma complexidade; a imagem de si próprio afigura-se constituir um aspecto dominante, onde avultam os afectos negativos, as atitudes pessimistas; as dificuldades de confrontação em contextos sociais, que se assinalam, poderão estar relacionadas com tais características. No que concerne ao funcionamento cognitivo, os dados encontrados situam-se, geralmente, dentro do normativo.

Subgrupo – Nível 41º

Este subgrupo agrega aos 14 indivíduos juntos no nível 38º, dois novos indivíduos reunidos ao nível 32º, perfazendo um total de 16 sujeitos, e a sua constituição corresponde ao valor máximo de uma das estatísticas de qualidade fornecida pelo software LEASP. As variáveis que concorrem preferencialmente para a explicação desta classe são as indicadas no Quadro 3, pelos seus valores abaixo da mediana: *Zf*, *DQ+*, *M*, *Combinações (Blends)*. Dada a reduzida implicação e esforço pessoal manifestos nas respostas, designou-se este subgrupo de *económico*. Os valores correspondentes àquelas variáveis, indicadores da presença de iniciativa e actividade organizativa, de funcionamento intelectual abstracto e de complexificação, são reveladores disso mesmo.

Quadro 3 – Variáveis determinantes da agregação dos indivíduos no nível 41° e sua apreciação em termos do subgrupo

Variáveis	Grupo 41 (n=16)
<i>Zf</i>	11 valores < Md
<i>DQ+</i>	13 valores < Md
<i>M</i>	15 valores ≤ Md
<i>Combinações</i>	10 valores < Md

Tal como no subgrupo anterior, a análise dos protocolos completos destes indivíduos proporcionará uma visão mais ampla das suas características mais expressivas.

Processamento da Informação – Este é o subgrupo onde se encontra maior número de protocolos com uma produção de respostas abaixo da mediana. Outra característica muito saliente consiste em que a quase totalidade dos protocolos apresenta um modo de resposta que denota uma atitude económica, pouco esforçada, aparentemente desprovida de compromisso, onde a actividade organizativa é quase sempre reduzida, sem brilho. Esta estratégia permite ao sujeito evitar a complexidade ou a ambiguidade da realidade ou mesmo negá-la. Pode ser de natureza situacional mas pode também constituir um estilo.

Mediação – Em relação aos outros subgrupos, não se poderá dizer que a qualidade da percepção seja melhor ou pior, devendo salientar-se que, frequentemente, essa qualidade é fraca, no grupo total. O nível de convencionalidade perceptiva também se apresenta geralmente adequado, podendo dizer-se o mesmo do grau de personalização das respostas.

Ideação – Dadas as características apontadas, que assistem a este grupo de indivíduos, de uma abordagem simples e fácil dos estímulos, a actividade ideativa apresenta-se muito reduzida e, com frequência, é praticamente nula.

Controlo – Nestas circunstâncias, falar de controlo levanta problemas, pois, face à escassez geral dos recursos, quer de natureza intelectual e conceptual, quer de natureza afectiva, resulta de algum modo infundado pronunciar-se sobre o tema. Não podemos pensar que os sujeitos que evitam ou se subtraem à realidade no que ela tem de complexo, ambíguo,

problemático ou desconhecido, sejam indivíduos com elevada capacidade de controlo. Pode, pois, reconhecer-se, nesta forma de evitação ou de não implicação, a presença de fragilidade que pode ceder perigosamente, quando o stresse for demasiado intenso.

Características do afecto – Nesta mesma linha, a expressão do afecto apresenta-se igualmente limitada. Note-se, no entanto, que, embora o afecto não encontre modo de expressão, existem frequentemente indicadores de reactividade emocional, sob a forma de um aumento da produção, quando o ambiente circundante apresenta essa qualidade. A presença dos sentimentos geradores de mal-estar é igualmente escassa, sem expressão digna de nota.

Imagem de Si Próprio – No que respeita à imagem de si próprio, o aspecto mais frequente é o de uma auto-estima e centração sobre si próprio aquém do normativo. Não se pode afirmar que estes indivíduos se preocupem particularmente consigo, que o componente egocêntrico se destaque. Também não existem indícios de autodepreciação ou de incidência em aspectos negativos da imagem de si próprio.

Percepção Interpessoal – A percepção interpessoal não encontra, nestes protocolos, bases suficientemente palpáveis que possibilitem uma caracterização. Destaca-se, todavia, um aspecto que assume particular importância: a presença muito frequente, neste grupo, do défice de confrontação em situações sociais. Doze destes 16 indivíduos apresentam essa característica, já apontada no grupo anterior, de dificuldade de relacionamento interpessoal, de evitação dos ambientes em que o componente social seja patente. Mas, enquanto no grupo anterior esta característica se insere no contexto em que sobressai o afecto negativo, depressivo, no caso actual este aspecto está geralmente ausente. Esta é seguramente uma característica primeira que a intervenção terapêutica terá de considerar e que, segundo estudos feitos, exige tratamento algo prolongado (Exner, 1999, p. 366).

Em resumo, podemos dizer que este grupo apresenta como características mais salientes **(1)** um processamento da informação simples, pouco esforçado, como preguiçoso, que pode ser considerado evitativo e/ou defensivo face à complexidade da realidade, e **(2)** manifestas dificuldades em

actuar eficientemente em situações que apelam para as competências de relacionamento interpessoal ou social. São escassos ou estão ausentes os dados que permitam uma caracterização das actividades ideativa, de controlo e tolerância ao stresse, afectiva e da imagem de si próprio.

Subgrupo – Nível 42º

Este é um grupo de 8 indivíduos resultante da agregação de um novo indivíduo à classe já formada ao nível 34º. Aparenta ser um grupo com algumas características comuns às do primeiro apresentado, embora seja distinto em vários aspectos. O Quadro 4 apresenta alguns dos resultados mais salientes.

As variáveis indicadas permitem considerar este conjunto de sujeitos como implicados e esforçados na realização da tarefa, desenvolvendo uma actividade ideativa considerável, e dotados de um tipo de vivências definido, introversivo ou extratensivo. O seu funcionamento psicológico tende a ser complexo, dentro das próprias limitações. Por outro lado, encontram-se indicadores de afecto negativo, de experiências depressivas, constrição afectiva e de individualismo na percepção da realidade, a par de uma imagem de si próprio onde avultam os traços negativos.

Quadro 4 – Variáveis determinantes da agregação dos indivíduos no nível 42º e sua apreciação em termos do subgrupo

Variáveis	Subgrupo 42 (n=8)
<i>Lambda</i>	Todos valores < Md
<i>M</i>	Todos valores > Md
<i>DQ+</i>	7 valores > Md
<i>Xu%</i>	7 valores > Md
<i>FM+m</i>	7 valores > Md
<i>Combinações (HAHdAd)</i>	7 valores > Md
<i>Soma dos Sombreados</i>	Todos valores > Md
<i>MOR</i>	Todos valores > Md

Consideremos, agora, as características mais salientes dos protocolos que constituem este subgrupo.

Processamento da Informação – Antes de mais, note-se que estes indivíduos apresentam uma produção geralmente acima da mediana do seu grupo. Todos mostram indicadores

de implicação e envolvimento na tarefa, revelando níveis de organização das respostas que deixam transparecer iniciativa e um grau de complexidade sempre acima da mediana do grupo. Pode dizer-se que se trata de indivíduos que não sacrificam à facilidade, indivíduos motivados, eventualmente com objectivos elevados. Verifica-se, todavia, que o esforço desenvolvido não dispõe, muitas vezes, dos meios adequados para perseguir tais objectivos e alcançá-los. Apenas em um caso se pode dizer que a obra executada corresponde ou mesmo ultrapassa as expectativas; em cinco deles dir-se-ia que se está diante de pessoas que apontam demasiado alto para as suas potencialidades reais.

Mediação – Com excepção de um caso, a percepção e o exame da realidade processa-se de forma ajustada, num nível de complexidade correspondente, onde sobressai uma nota particular, pessoal, no sentido de que a percepção, sendo correcta, tende a ser menos comum do que o que ocorre na outra metade do grupo.

Ideação – Uma das marcas salientes deste grupo é a expressão da actividade ideativa. Todos os sujeitos apresentam um número de respostas acima da média normativa portuguesa. Sublinhe-se, no entanto, a presença de indícios de que o pensamento destes indivíduos se apresenta marcado de pessimismo. A presença de indicadores de perturbação do pensamento é clara em apenas um caso, ocorrendo ligeiros indícios em outro mais.

Controlo – No que se refere ao controlo, existem indicadores da presença de cedência ao stresse situacional em 5 dos indivíduos. A presença de stresse crónico ocorre apenas em um deles, cujo protocolo, de resto, tem características particulares, em relação aos restantes.

Afecto – No campo do afecto, pode dizer-se que a sua presença é relativamente acusada, com excepção do caso isolado acabado de referir, onde a manifestação emocional evoluída está ausente. Registe-se, igualmente, que não ocorrem indicadores de expressão não modulada ou imoderada das emoções. A reactividade emocional ajustada também se afigura dominante, embora se verifiquem três casos em que tal não acontece, em que tem lugar alguma retracção face à estimulação emocional. Por sua vez, a

presença do que se tem designa de sentimentos de desconforto e mal-estar também se encontra bem delineada, pois os 8 sujeitos apresentam números de respostas que se situam acima da mediana, 7 deles bem acima. O componente depressivo é acusado em 4 dos indivíduos. Como nota final, refira-se também que, com excepção do caso acima referido, os demais sujeitos revelam regular complexidade psicológica, que poderá ser um indicador do aparente nível intelectual médio ou acima da média da quase totalidade.

Imagem de si próprio – No que respeita à imagem de si próprio, os resultados são dispersos, ocorrendo dois casos onde a centração sobre si próprio é bastante elevada e se acompanha de indícios de narcisismo, e dois outros onde, ao contrário, a auto-estima se afigura reduzida. Ocorrem indícios de narcisismo em 5 destes indivíduos. Por outro lado, todos eles encontram em si aspectos negativos que, nos casos de narcisismo, constituem uma fonte de conflito com a ideia de elevado valor pessoal.

Percepção Interpessoal – No âmbito da percepção interpessoal, pode dizer-se que, na maioria dos casos, existe interesse pelos outros e facilidade em lidar com eles. Em alguns casos, porém, parece haver uma concepção ou representação errónea do ambiente social. Anote-se que o caso especial antes referido revela ter dificuldades de controlo em contextos sociais.

Em resumo, destacam-se neste grupo:

- (1) Um funcionamento cognitivo onde se salientam, na maioria dos casos, aspectos positivos, com funções perceptivo-intelectuais de nível apreciável de complexidade, aspectos estes essenciais para o planeamento do tratamento;
- (2) Não se detectam problemas dignos de nota no capítulo do controlo e da tolerância ao stress, a não ser de índole situacional;
- (3) Os afectos encontram geralmente formas adequadas de exteriorização, ainda que se façam acompanhar com alguma insistência da presença de sentimentos dolorosos ou de mal-estar;
- (4) A imagem de si próprio apresenta-se algumas vezes imbuída de traços de imaturidade, podendo atingir níveis elevados de auto-exaltação e outras vezes, ao contrário, merecer reduzida atenção.

Subgrupo – Nível 45°

Este é um grupo bem caracterizado de 10 indivíduos cujos traços principais são indicadas de forma clara pelas variáveis constantes do Quadro 5. Como pode ver-se, temos um grupo onde avulta um processamento da informação complexo com indicação de rigidez, nível avançado de qualidade de desenvolvimento cognitivo, acompanhado de deficiente exame da realidade. A actividade ideativa é importante mas a sua qualidade é negativa. Ocorrem algumas respostas de movimento humano sem forma. Estes dados traduzem frequência de sinais de perturbação do pensamento. Aqui reside a razão por que se conta, neste grupo, um número elevado de protocolos com o Índice de Esquizofrenia (*SCZI*) positivo. Aponte-se ainda a presença de indicadores depressivos.

Em síntese: este grupo apresenta as seguintes características mais salientes:

- (1) Processamento da informação complexo com sinais de hiperincorporação;
- (2) Fraca mediação perceptiva responsável por deficiente exame da realidade;
- (3) Tendência para uma intensa actividade ideativa onde avultam os sinais de perturbação do pensamento;
- (4) Indicadores de mal-estar emocional.

Quadro 5 – Variáveis determinantes da agregação dos indivíduos no nível 45° e sua apreciação em termos do subgrupo

Variáveis	Subgrupo 45 (n=10)
<i>Zf</i>	8 valores ≥ Md
<i>Zd</i>	6 ultraincorporadores
<i>W:D</i>	7 valores de <i>W</i> maiores, iguais ou muito próximos de <i>D</i>
<i>DQ+</i>	8 valores > Md
<i>M</i>	Todos valores > Md (5 valores acima de 1 DP)
<i>M-</i>	9 valores > Md(7 valores acima de 1 DP)
<i>Sum6-Level 2</i>	6 valores > de 1 DP
<i>X-%</i>	8 valores > Md
<i>H</i>	8 valores ≥ Md
<i>SCZI</i>	6 positivos
<i>DEPI</i>	5 (4 têm <i>SCZI</i> positivo)

Consideremos, agora, os protocolos completos deste grupo, na sua totalidade.

Processamento da Informação – O grupo compreende 10 indivíduos com oscilações na produção de respostas e com nítidas mostras de se implicar na tarefa, desenvolvendo uma actividade organizativa que atinge níveis de complexidade apreciáveis. Cinco deles desenvolvem um tal nível de organização dos estímulos que ultrapassa o nível médio e se situa já entre os designados de hiperincorporadores, aqueles indivíduos que observam e analisam atentamente os estímulos e incorporam ou integram as suas diversas características.

Mediação – Não ocorrem indícios de menor convencionalidade perceptiva, mas verifica-se, isso sim, uma importante distorção perceptiva presente, em maior ou menor grau, em todos os sujeitos do grupo. Consequentemente, pode dizer-se que o exame da realidade ou a acuidade perceptiva se encontra atingida, diminuída ou perturbada.

Ideação – A actividade ideativa é máxima neste grupo e é acusada em todos os indivíduos. Ela é, todavia, de má qualidade, aspecto este secundado pela frequente presença de indicadores inegáveis de perturbação do pensamento. A par deste dado, verifica-se também entre estes sujeitos, embora não de forma sistemática, as manifestações mais elevadas de intelectualização.

Controlo – Que dizer das capacidades de controlo destes sujeitos? Na quase totalidade dos casos, os valores encontrados situam-se junto ou acima da mediana das normas portuguesas, o que significa a disponibilidade de recursos para se confrontar com as exigências quotidianas de maneira eficiente. Não ocorrem, na generalidade, dificuldades de controlo, observando-se alguns casos em que tal controlo se encontra solidamente alicerçado e quase inamovível, o que constituirá um núcleo muito resistente a qualquer forma de tratamento.

Características do Afecto – No que respeita aos aspectos afectivos, acham-se em geral regularmente expressos, embora de modo menos consistente do que os ideativos. Há mesmo dois indivíduos cuja expressão afectiva quase não tem lugar. Assiste-se a uma expressão mais abundante desse afecto, na sua modalidade intencional de expressão, e, com

alguma frequência, com reduzida ou nenhuma modulação. O número de indivíduos que revela complexidade psicológica é reduzido e deve apontar-se que se contam 5 sujeitos que apresentam componentes depressivos importantes a par de sintomatologia de tipo psicótico.

Imagem de Si Próprio – A imagem de si próprio, no que toca ao componente do egocentrismo, oscila bastante de um indivíduo para outro, desde níveis claramente inferiores a níveis elevados. Estão ausentes os indícios manifestos de narcisismo. Nem a presença de traços negativos, nem uma preocupação psicógena pelo corpo parecem ser aspectos frequentes nestes sujeitos, embora possam ocorrer em um ou outro.

Percepção Interpessoal – A percepção interpessoal deixa transparecer, em alguns indivíduos, uma disponibilidade de cooperação com os demais, não existe qualquer indício de isolamento social (note-se que há apenas um indivíduo que revela dificuldades de relacionamento) e, com frequência, ocorre a manifestação de um genuíno interesse pelos outros. Registe-se ainda que, algumas vezes, este interesse pelos outros pode não assentar em bases suficientemente reais.

Resumo: Os indivíduos que compõem este grupo revelam formas complexas de processamento da informação que, no entanto, dão lugar a uma acuidade perceptiva deficiente, responsável por sua vez de uma actividade ideativa de idêntica qualidade e reveladora de perturbação do pensamento. Os recursos disponíveis para tomada de decisão ou para responder às exigências do dia-a-dia são geralmente abundantes, dando lugar, por vezes, a formas de controlo rígidas. Este é o grupo que junta os indivíduos que apresentam traços de natureza psicótica.

Conclusões

O procedimento de análise e apresentação dos dados de 51 protocolos de Rorschach de indivíduos consumidores de heroína mostra, com clareza, que se podem alcançar níveis de diferenciação mais apurados mediante a identificação de subgrupos que apresentam fortes características comuns. Tal diferenciação constitui uma vantagem irrecusável face a

uma caracterização do grupo como um todo. Esta afirmação afigura-se tanto mais pertinente quanto a dependência da heroína ou a toxicodependência em geral constitui uma manifestação de comportamento adquirida, que pode ter e tem importantes implicações no funcionamento cognitivo, afectivo-emocional, volitivo e relacional do indivíduo mas que não é uma forma de organização, uma estrutura nem mesmo um traço estrutural da pessoa. Como expressão ou forma de comportamento não ocorre exclusivamente em pessoas com determinadas características de personalidade. É fácil reconhecer que as características de resposta dos quatro subgrupos diferenciados estão presentes na caracterização do grupo total. O que é mais complexo é poder caracterizar com justeza e propriedade, a partir daquela, os diversos indivíduos que globalmente a suscitaram. A diferenciação alcançada permite uma formulação mais apurada e objectiva dos juízos de avaliação e de diagnóstico que poderão fazer-se do sujeito.

Os quatro subgrupos apresentam traços marcantes que os diferenciam com apreciável nitidez:

I. O primeiro subgrupo apresenta um processamento da informação revelador de iniciativa e organização algo complexa dos estímulos, importantes dificuldades no campo da imagem de si próprio, dificuldades de confrontação em contextos sociais e acentuado sofrimento suscitado pela afectividade incontrolável ou inconsciente;

II. O segundo subgrupo, que poderíamos designar de económico, apresenta um processamento da informação simples, destituído de iniciativa ou de actividade organizativa, uma mediação distanciada, superficial, impessoal, desimplicada e frequentes dificuldades de confrontação em contextos sociais. Estão, por assim dizer, ausentes os dados susceptíveis de uma caracterização objectiva da estrutura e organização da personalidade destes indivíduos;

III. Constitui um subgrupo que se caracteriza por um funcionamento implicado, aparentemente motivado mas nem sempre dispondo dos meios para alcançar os objectivos que se propõe. A actividade ideativa tem uma expressão relativamente abundante, podendo dizer-se o mesmo dos afectos, quer os evoluídos, quer os periféricos, que ocasionalmente frequente mal-estar e desconforto. No campo do controlo e tolerância ao stress e da percepção interpessoal, não se detectaram dificuldades. Poder-se-ia considerar este

grupo como dentro das variações da normalidade;

IV. O quarto subgrupo apresenta deficiente exame da realidade, actividade ideativa indicadora de perturbação do pensamento. Dotado geralmente de abundantes recursos, o controlo não oferece dificuldade e pode atingir níveis de rigidez. Juntam-se, neste grupo, protocolos com traços considerados psicóticos.

O estudo que ora terminamos não pretende ser uma investigação sobre dependência da heroína mas tão só mostrar, por um lado, que as designações gerais não implicam igualmente os indivíduos e, por outro, que a identificação de subgrupos diferenciados, facilitada pela metodologia usada, abre caminho para um conhecimento mais preciso e delimitado do nosso objecto de estudo, o indivíduo. Não se trata tão-pouco de um artigo que pretenda exaltar as qualidades do Método dos Borrões de Tinta do Rorschach, pois as qualidades deste, como instrumento de estudo e avaliação clínica do indivíduo, estão bem para além do tipo de análise meramente quantitativa aqui utilizada. Seja como for, é possível reconhecer, a partir das análises e resultados alcançados, o interesse e a fecundidade que hoje adquiriu a avaliação psicológica que, em clínica, está ao serviço do diagnóstico, do planeamento do modo de intervenção ou tratamento mais ajustado e até do grau de adequação ou correcção do tratamento recomendado.

CONTACTO

Danilo Silva
Professor da F.P.C.E. da Universidade de Lisboa e Investigador do C.P.P.E. – F.C.T.

Alameda da Universidade
1600 Lisboa

Helena Barcelar-Nicolau
Professora da F.P.C.E. (L.E.A.D.) da Universidade de Lisboa e Investigadora do C.E.A.U.L. – F.C.T.

Alameda da Universidade
1600 Lisboa

NOTAS

* De facto, com respeito a cada subgrupo de indivíduos, constuíram-se quadros com os resultados obtidos em variáveis cujo conhecimento se nos afigurava importante, para poder formular novos juízos tidos como pertinentes.

Os dados normativos disponíveis a que faço referência foram-me proporcionados pelo Dr. Abel Pires, da F.P.C.E. da Universidade do Porto (ver também referência bibliográfica).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bacelar-Nicolau, H. (1988). "Two probabilistic models for classification of variables in frequency tables", in H.H. Bock (Ed.). *Classification and Related Methods of Data Analysis*, 181-189. North Holland: Amsterdam.

Bacelar-Nicolau, H., Nicolau, F. C. (1990). "Analyse classificatoire de l'identité nationale chez les portugais. Une étude exploratoire fondée sur le coefficient d'affinité Mathématiques". *Informatique et Sciences Humaines*, 28 (109): 55-64.

Bacelar-Nicolau, H. (2000). "The Affinity Coefficient", in H.H. Bock and E. Diday (Eds.). *Analysis of Symbolic Data Exploratory Methods for Extracting Statistical Information from Complex Data*. Berlin-Heidelberg, Springer-Verlag, 160-165.

Exner, J. E. (1995) *The Rorschach: A Comprehensive System* Volume 1: Basic Foundations (Third Edition). New York: John Wiley & Sons.

Pires, A. A. (2000). "National Norms for the Rorschach Normative Study in Portugal", in Richard H. Dana (Ed.). *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment*, 367-392. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Silva, D. R. (1996). *Searching out different response modes in the Rorschach of a Sample of Heroin Addicts*. XV International Congress of Rorschach and Projective Methods, Boston.

Silva, D. R., Almeida, A., Bacelar-Nicolau, H. (1996). *Características de Resposta ao Rorschach de um Grupo de Heroinómanos*, in L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado, M. Simões (Eds.). *Avaliação Psicológica: Formas e Conceitos*. Braga: APPORT, Associação dos Psicólogos Portugueses, 141-148. A versão inglesa tem a seguinte referência bibliográfica: "A Study on Response characteristics of Heroin Addicts Rorschach Protocols", *Acta Psychiatrica Belgica*, 96, Suppl. I, 46-56 (1996).

ANEXO

Definição das variáveis do Rorschach referidas no texto

Uma resposta ao Rorschach constitui a reacção verbal, com indicação de um substantivo, à pergunta inicial que o examinador dirige ao examinando: — *O que poderia ser isto?*, ao mesmo tempo que lhe entrega nas mãos o primeiro Cartão.

As variáveis do Rorschach são numerosas e encontram-se codificadas. Traduzem, diversamente, múltiplos aspectos dos seguintes modos como cada resposta é considerada: a Localização, a Qualidade do Desenvolvimento Cognitivo, os Determinantes, os Conteúdos, o carácter Popular, o nível de Organização do estímulo, os indicadores de Perturbação do Pensamento e a presença de Conteúdos Especiais.

A seguir, apresentam-se as traduções e definições dos códigos das variáveis do Rorschach referidas no texto:

W – Global – Indicação de que a resposta dada engloba toda a mancha.

D – Detalhe comum – Designa uma área do estímulo frequentemente escolhida para localização de resposta.

Zf – Frequência de respostas com nota Z – A nota Z, é dada a toda a resposta que supõe algum nível de organização do estímulo. Assim, considera-se que dar uma resposta que abranja toda a mancha constitui uma operação mais complexa do que dar uma resposta que se cinja a apenas uma parte dela, sobretudo uma parte comum. Por isso, todas as respostas globais de objecto com forma específica são cotadas com nota Z.

Zd – Diferença entre o resultado da adição de todas as notas Z de um protocolo e a nota estimada em função do número de respostas cotadas Z – Quando o valor da diferença ultrapassa +3, diz-se que o sujeito tem um estilo ultra-incorporador, isto é, que as suas respostas atingem com frequência elevado nível de organização.

DD+ – Qualidade de Desenvolvimento que implica síntese – Diz respeito a respostas que resultam de uma diferenciação analítica prévia do estímulo que permite o reconhecimento de dois ou mais objectos, localizados em diferentes áreas da mancha, e apresentados como relacionados. Pelo menos um desses objectos tem exigência de forma específica. Esta é uma variável que interessa à Qualidade de Desenvolvimento Cognitivo e ao nível de Organização do estímulo.

DDv – Qualidade de Desenvolvimento, resposta vaga – traduz o grau inferior da Qualidade de Desenvolvimento de uma resposta que se exprime pelo carácter informe, concreto, indefinido, vago do objecto referido. São exemplo as respostas de folha, flor, nuvem, mato, ilha, etc., de que está ausente qualquer especificação do objecto que o permita identificar de modo definido.

S – Espaço branco – Áreas intermaculares onde se localizam algumas respostas ou que são integradas na sua localização.

F – Forma – Determinante de resposta que se traduz apenas nos traços de contorno que contribuem para o reconhecimento do objecto visto. Ex.: *“Uma borboleta, tem aqui o corpo e aqui as asas”*.

M – Movimento humano – Constitui um determinante de resposta que assinala a presença de qualquer modalidade de movimento ou vivência humana, independentemente do conteúdo a que é atribuído. Ex.: *“Dois homens a lutar”, “Formigas a dançar”*.

M- – Movimento humano, menos – Assinala o caso pouco frequente de uma resposta cujo conteúdo, geralmente uma figura humana, se apresenta com qualidade formal distorcida.

FM – Movimento animal – Determinante de resposta que refere uma qualquer forma de animal, animada de movimento específico desse mesmo animal. Ex.: *“Dois cães a farejar”*.

m – Movimento inanimado – Determinante de resposta que indica a presença de movimento em objectos inanimados ou sem a faculdade de sentir. Ex.: *Um repuxo, Uma explosão*.

r – Reflexo – Determinante de resposta que indica a visão de um objecto visto como reflectido. Implica o carácter simétrico dos cartões. Ex.: *“Uma mulher a ver-se ao espelho”, “Um animal a andar junto de um lago e vê-se o seu reflexo em baixo”*.

C' – Cor acromática – Determinante de resposta que utiliza o preto, o cinzento ou o branco como justificativos da resposta. Ex.: *“Fumo preto”, “Montes onde ainda se vêem restos de neve”*.

V – Vista – Determinante de resposta que utiliza as diversas tonalidades ou sombreados do estímulo para criar a impressão de profundidade, perspectiva, dimensão, volume. Ex.: *“Um desfiladeiro. A parte mais escura no meio parece o fundo onde corre um rio”, “Parece um fotografia aérea em que as partes mais escuras e mais claras indicam os cumes e os vales”*.

Soma dos Sombreados (Sum Shading) – Soma das respostas com determinante sombreado – Reúne todas as respostas com determinante acromático e sombreado. Além das *C'* e *V*, já apresentadas, temos os determinantes *T* e *Y*, Textura e Difusão. Na resposta de textura, o sombreado é usado para dar a impressão de táctil, como o áspero, o macio, o sedoso, o quente, o frio, o gorduroso, etc.; na resposta de difusão, o sombreado é utilizado para dar a impressão do que se esvai, do indefinido, nebuloso, transparência, reflexos de luz, enfim, todas as restantes impressões que não sejam as de textura e vista.

Combinações (Blends) – Respostas complexas ou de combinação – Indicam a presença de dois ou mais determinantes numa resposta.

Lambda (L) – Quociente do número de respostas com determinante *F* Puro pelo restante número de respostas do protocolo.

Xu% – Quociente do número de respostas de qualidade formal *u*, isto é, com boa forma mas raramente vista, pelo número total de respostas (*R*).

X-% – Quociente do número de respostas de qualidade formal – (menos), isto é, com má forma, pelo número total de respostas (*R*).

H – Humano – Resposta cujo conteúdo é uma figura humana inteira Ex.: “*Duas pessoas*”.

(H)+(Hd)+(A)+(Ad) – Soma dos conteúdos humanos e animais irrealis ou extraterrenos, inteiros ou em partes – Indica o número total deste tipo de conteúdos num protocolo.

An+Xy – Soma dos conteúdos de anatomia e de radiografia – Indica o número total destes conteúdos num protocolo.

BI – Sangue – Designa o conteúdo sangue de ou numa resposta.

Sum6SpSc-nível2 – Soma das seis Cotações Especiais Críticas de nível 2 – Assinala a presença de indicadores de perturbação do pensamento de nível elevado. Ex.: “*Um trio de três pessoas*”, “*Uma galinha com quatro patas*”.

MOR – Móbido ou disfórico – Assinala a presença de um atributo nefasto no objecto como doente, ferido, morto, gasto, velho, avariado, danificado, roto, etc.; ou um atributo manifestamente disfórico como triste, em lágrimas, agoirento, desgraçado, coitado, desprezível, deprimido, infeliz, pobre.

Estilo Lambda – Constitui uma característica do indivíduo que evita ou tende a evitar a complexidade, no seu modo dominante de se relacionar consigo próprio e com o ambiente, preferindo manter-se ao nível do comum e do superficial, economizando esforços. Pode ser indício de escassez de recursos mas, com frequência, traduz uma estratégia defensiva do sujeito.

SCZI – Índice de Esquizofrenia – Constitui um índice que sugere, em diversos graus, a presença de características de resposta frequentes entre os indivíduos com diagnóstico de esquizofrenia.

DEPI – Índice de Depressão – Constitui um índice que sugere, em diversos graus, a presença de características de resposta frequentes entre os indivíduos com diagnóstico de depressão ou de outras perturbações afectivas, mas também e apenas entre indivíduos com tendências para cair em estados depressivos ou experimentar flutuações do humor.

CDI – Índice de Défice de Confrontação – Quando positivo, indica a dificuldade que o indivíduo experimenta em lidar com as exigências comuns do ambiente relacional ou social.